

ARTIGO

NARRATIVAS LITERÁRIAS NO JORNALISMO IMPRESSO DIÁRIO:

o caso dos jornais Zero Hora e Gazeta do Sul¹

Copyright © 2014
SBPjor / Associação
Brasileira de Pesquisadores em Jornalismo

DEMÉTRIO DE AZEREDO SOSTER

Universidade de Santa Cruz do Sul

FABIANA QUATRIN PICCININ

Universidade de Santa Cruz do Sul

RESUMO - Este artigo investiga a presença de determinadas categorias nas narrativas jornalísticas em jornais diários – diversional e interpretativo –, e o uso por esses de elementos da narrativa literária. Um movimento que se apresenta como uma estratégia por meio da qual os dispositivos reforçam seus vínculos identitários, viabilizando suas operações, gerando novos sentidos e provocando diferenças que geram diferenças. Os resultados de pesquisa empírica realizada por 30 dias – de 1º a 30 de setembro de 2010 – em dois dos principais jornais diários do Rio Grande do Sul: Zero Hora, de Porto Alegre, e Gazeta do Sul, de Santa Cruz do Sul sugerem que há uma complexificação em processo no jornalismo que se manifesta na já insuficiência das categorias e gêneros jornalísticos, observados antes como indicadores de camadas mais profundas de significação do que reificadores textuais.

Palavras-Chave: Gêneros. Jornalismo diversional. Jornalismo Interpretativo. Jornalismo mediatizado. Narrativas.

NARRATIVAS LITERARIAS EN EL PERIODISMO IMPRESO DIARIO: el caso de los periódicos Zero Hora y Gazeta do Sul

RESUMEN - Este artículo investiga la presencia de determinadas categorías en las narrativas periodísticas en periódicos diarios – diversional e interpretativo –, y el uso por estos de elementos de la narrativa literaria. Un movimiento que se presenta como una estrategia por medio de la cual los dispositivos refuerzan sus vínculos identitarios, viabilizando sus operaciones, generando nuevos sentidos y provocando diferencias que generan diferencias. Los resultados de pesquisa empírica realizada por 30 días – de 1º a 30 de septiembre de 2010 – en dos de los principales periódicos diarios del Río Grande del Sur: Zero Hora, de Porto Alegre, y Gazeta do Sul, de Santa Cruz do Sul, sugieren que hay una complejidad en proceso en el periodismo que se manifiesta ya en la insuficiencia de las categorías y géneros periodísticos, observados antes como indicadores de camadas de más profundas significaciones de que reificadores textuales.

Palabras clave: Géneros. Periodismo diversional. Periodismo interpretativo. Periodismo mediatizado. Narrativa literaria.

LITERARY NARRATIVE IN THE DAILY PRINT MEDIA: Zero Hora and Gazeta do Sul

ABSTRACT - This paper aims to investigate the presence of specific categories in journalistic narratives in daily newspapers – feature story and interpretative news- and their use of elements from the literary narrative. This movement presents itself as a strategy from which the devices reiterate their identity links, making possible their operations, producing new meanings and provoking differences that generate further differences. The results of the empirical research undertaken over 30 days – from September 1st to September 30th, 2010 - based on two of the main daily newspapers in Rio Grande do Sul: Zero Hora, from Porto Alegre, and Gazeta do Sul, from Santa Cruz do Sul, suggest that a process of increasing complexity in journalism is at play, as revealed by the lack of journalistic categories and genres, hitherto viewed as indicators of deeper layers of meaning than textual reificators.

Keywords: Genres. Feature News. Interpretative journalism. Mediatized journalism. Literary narrative.

1 JORNALISMO ENQUANTO SISTEMA COMPLEXO

Uma estratégia possível para compreendermos as metamorfoses que se estabelecem no jornalismo nos dias que se seguem, de natureza sócio-tecno-discursivas, é observá-las em uma perspectiva sistêmica. Ou seja, considerando que o jornalismo, enquanto sistema complexo, possui características que lhe permitem, de um lado, manter-se autônomo², com seus códigos, regras e deontologias, enquanto que, de outro, que suas operações visam a sua própria manutenção enquanto sistema, em uma lógica autorreferencial. “Em todos os tipos de autorreferência nos encontramos diante de uma circularidade fechada, que não nega a existência do entorno: este é o pressuposto das seleções do sistema” (BARALDO; CORSI; ESPOSITO, 1996, p. 36-37).

O primeiro caso, ligado à “forma de ser” do jornalismo, não será discutido neste artigo. A opção recairá, antes, sobre a análise de algumas estratégias narrativas que permitem, ao sistema jornalístico, distinguir-se dos demais sistemas e se viabilizar como tal, ao ponto de permitir ser identificado em sua especificidade, mesmo quando, em suas operações, interfere e é interferido por esses e pelo meio em que se insere pelo viés da irritação³.

Não se trata de negar as inferências entre forma de ser e

identidade, muito menos o papel dos agentes nesse processo, mas de um ponto de vista que, alicerçado no “produto final”, nesse caso, jornais impressos diários, busca reconhecer a diferença que emerge de uma determinada diferença. Por outras palavras, é falar daquilo que, ao distinguir, distingue, viabiliza e identifica (LUHMANN, 2009).

Em momento anterior (PICCININ; SOSTER, 2010), a hipótese que nos movia⁴ era a de que, em um cenário específico, o fenômeno da midiatização e, nela, da midiatização do jornalismo, fazia com que determinadas categorias e gêneros jornalísticos⁵, no caso, o diversional e o interpretativo, que pareciam relegados a um segundo plano, em particular a partir da digitalização, estabelecem-se como elementos de constituição identitária dos jornais impressos. Ao fazê-lo, colaboravam para que os referidos dispositivos se estabelecessem como nós e conexões do sistema em que se inseriam, interligando-os aos demais dispositivos e viabilizando-os operacional e discursivamente.

Com a evolução da pesquisa, partimos do pressuposto de que a presença das duas categorias em veículos cuja periodicidade é diária – quando o usual é encontrá-las com mais frequência, no caso dos impressos, em revistas semanais ou livros – sugere que a constituição identitária do sistema jornalístico se estabelece a) pela emergência das referidas categorias, mas, também, b) pela apropriação, por parte do jornalismo, de elementos da narrativa literária. Ou seja, pelo fato de o jornalismo buscar em outros campos do conhecimento, nesse caso a literatura, os recursos que necessita para se manter como tal no sistema em que se insere, interferindo e sendo interferido por aquele.

Perseguiremos nosso propósito por meio de verificação empírica, realizada durante 30 dias em dois dos principais jornais diários impressos gaúchos – *Zero Hora*, de Porto Alegre, e *Gazeta do Sul*, de Santa Cruz do Sul⁶, e posterior análise dos resultados encontrados. A pesquisa, realizada de 1º a 30 de setembro de 2010, buscou identificar, nos referidos jornais, a presença de relatos das categorias interpretativo e diversional. Entendemos que, identificando-os, teremos condições de observar a presença, no jornalismo, de elementos da narrativa literária, à medida que, comparados aos demais gêneros (informativo, opinativo e utilitário, na categorização de Marques de Melo (2010)), são os que mais se utilizam dessa ferramenta para estruturar seus discursos.

Quanto ao nosso percurso metodológico, dar-se-á em três movimentos. No primeiro – Narrativas complexificadas – contextualizaremos o problema. No segundo – Estratégias metodológicas – discorreremos a respeito das ferramentas utilizadas. O terceiro movimento – Quantificação dos dados – buscará compreender, do ponto de vista qualitativo, os dados levantados na análise empírica, conduzindo finalmente para as considerações finais.

2 NARRATIVAS COMPLEXIFICADAS

Compreender o atual cenário evolutivo do jornalismo a partir da emergência de gêneros discursivos e da complexificação decorrente da aproximação de campos distintos do conhecimento implica observar, uma vez mais, que o jornalismo, enquanto prática social de sentido, está mudando. E que essa mudança possui raízes tecnológicas, mas também sociodiscursivas e econômicas, identificáveis no cenário em que se insere.

No que toca especificamente a emergência das categorias diversional e interpretativa, entendemos (PICCININ; SOSTER, 2010) que ela a mesma, decorrência da midiatização do jornalismo⁷, estabelece-se de forma concomitante ao surgimento de fenômenos como a autorreferencialidade, a correferencialidade, a descentralização e, mais recentemente, a dialogia e a atorização⁸ (SOSTER, 2007, 2008, 2009, 2009-a, 2013). E que, se isso se apresenta dessa forma, é porque

[...] os dispositivos que representam o jornalismo estão amalgamados em rede por meio dos nós e conexões da web. Ao fazê-lo, dão forma ao sistema midiático-comunicacional⁹ e passam a estabelecer suas operações em fluxos informativos de natureza marcadamente autorreferencial, complexificando uma lógica evolutiva com pelo menos 300 anos de evolução (PICCININ; SOSTER, 2010, p. 4).

Ou seja, se, até há bem pouco tempo, dispositivos como jornais e revistas impressos ocupavam um lugar institucional relativamente isolado no tecido social, essa realidade reconfigura-se substancialmente a partir de 1995, quando da transposição dos primeiros jornais para a *web*¹⁰. A face mais visível dessa reconfiguração encontra-se no fato de, a partir de então, não apenas os impressos mas todos os dispositivos estarem ligados pela *web*. São, portanto,

antes, nós e conexões por meio dos quais fluxos informativos¹¹ estabelecem-se em lugares institucionais, o que exige gramática explicativa específica.

Como fenômeno complexo, mudanças em um ou mais subsistemas alteram e condicionam a totalidade. Sendo assim, não é de se surpreender que a digitalização dos meios e modos de produção, o espírito epocal e os rearranjos políticos e econômicos demandam atualizações das questões de pesquisa e nas próprias senhas explicativas da academia (PRIMO, 2009, p. 7).

Se os dispositivos estão interligados, podemos pensar que não ocupam um lugar central no sistema em que se inserem e “competem” com todos os demais em suas operações (SOSTER, 2008). A centralidade institucional, nesse caso, é o próprio sistema. É preciso, portanto, que em suas operações, tornem-se não apenas viáveis como perfeitamente identificáveis. Nesse sentido, a viabilidade operacional estabelece-se pela redução de complexidade (LUHMANN, 2009); já a identidade, pelo uso de modelos narrativos que permitem aos dispositivos distinguirem-se dos demais. É onde se encaixa o uso dos gêneros que compõem as categorias interpretativo e diversional.

Antes de prosseguirmos, é preciso dizer que, não obstante reconhecermos a importância das discussões propostas por Seixas (2009) e Chaparro (2008) quanto à gênese¹² das categorias e dos gêneros do jornalismo, evitaremos seguir nesse caminho. Optamos, na pesquisa, pela utilização de instrumental que identifique, nos relatos, marcas da aproximação entre dois campos de conhecimento. A escolha recairá sobre a categorização proposta por Marques de Melo (2010), pelos motivos expostos.

Assim, por jornalismo interpretativo, entenderemos aquele que, a partir do grau de noticiabilidade dos acontecimentos e da liberdade estilística, permite não apenas o posicionamento do autor do texto como ainda uma interpretação mais contextualizada do conteúdo por parte de quem tenha acesso a ele. Nas palavras de Beltrão (1980), como sinônimo de reportagem em profundidade.

Quanto ao diversional, trata-se de um modelo de narrativa que, igualmente arcada no “real” e com a mesma liberdade estilística, visa, antes, entreter que informar ou opinar (MARQUES DE MELO, 1985). Ou, sob um viés mais recente (DICIONÁRIO DE COMUNICAÇÃO,

2009), diversional significando jornalismo literário, literatura de realidade ou não ficcional, jornalismo em profundidade ou jornalismo de autor.

Comparando-se as categorias, observamos que ambas a) são livres do ponto de vista da estrutura narrativa e que b) diferem-se entre si pela atualidade que, no caso dos textos interpretativos, permitem-nos contextualizar melhor os acontecimentos¹³ se realizando. Não vamos nos estender demais nesse ponto.

Interessa-nos, antes, observar que, na emergência das referidas categorias, estabelece-se a aproximação entre os campos do jornalismo e da literatura, haja vista que tanto uma quanto outra se valem de recursos da narrativa literária para se estabelecer.

É onde se encaixa o conceito de diferença que gera diferença. Segundo Luhmann (2009), os dispositivos, em suas operações, reproduzem em seus interiores a lógica geral do sistema em que se inserem e passam a ser reconhecidos como diferenças que provocam diferenças. Observe-se que provocar diferenças que gerem diferenças é função do jornalismo, à revelia da categoria/gênero. Mas existe uma distinção sutil entre a forma dita convencional e a enfocada neste artigo. No primeiro caso, está relacionada com a maneira de ser da notícia.

[...] uma diferença que leva a mudar o próprio estado do sistema; tão somente pelo fato de ocorrer, transforma: lê-se que o fumo, o álcool, a manteiga, a carne congelada colocam a vida em risco, e passa-se a ser (como alguém que o sabe e pode considerá-lo) outro – quer se acredite, ou não, na informação. Independentemente da forma como se decide, a comunicação fixa uma posição no receptor. Posteriormente, já não importa, então, a aceitação ou rejeição, nem a imediata reação à informação. O fundamental é que a informação tenha realizado uma diferença: *a difference that makes a difference* (LUHMANN, 2009, p. 83).

A diferença que nos interessa particularmente diz respeito ao fato de os dispositivos buscarem, a partir da narrativa literária, um movimento de natureza dialógica (SOSTER, 2013), a diferença tanto pela forma como pelo conteúdo da informação. Observa-se, aqui, deslocamentos e reconfigurações os mais diversos, como a que ocorre com o conceito de autor/narrador: quem solicita, nos textos que se valem da narrativa literária para se estabelecer, uma resposta interpretativa é, antes, o narrador do que o autor, ou seja, aquele que dá “vida” ao narrador. Nesse sentido, Lopes e Reis (1988, p. 61) assertam:

A definição do conceito de narrador deve partir da distinção inequívoca relativamente ao conceito de autor, entidade não raro suscetível de ser confundida com aquele, mas realmente dotada de diferente estatuto ontológico e funcional. Se o autor corresponde a uma entidade real e empírica, o narrador será entendido fundamentalmente como o autor textual, entidade fictícia a quem, no cenário da ficção, cabe a tarefa de enunciar o discurso, como protagonista da comunicação narrativa.

Dito isso, vejamos as ferramentas utilizadas para cercar o objeto.

3 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

Para observarmos, nas páginas dos jornais analisados, a presença de relatos da categoria interpretativo e diversional, foi necessário desenvolver uma tabela por meio da qual tivéssemos condições de sistematizar quantitativamente os achados e, posteriormente, analisá-los qualitativamente. O modelo abaixo foi aplicado em cada uma das páginas dos jornais, à exceção dos classificados.

Tabela 1 Modelo utilizado na análise

		Gazeta do Sul	Zero Hora
Edição ou Caderno			
Editoria e Página			
Posição na página			
Interpretativo	Reportagem		
	Dossiê		
	Perfil		
	Enquete		
	Cronologia		
Diversional	História de interesse humano		
	História Colorida		

Fonte: Elaboração dos autores

As três categorias analíticas iniciais correspondem à organização dos textos nas páginas dos jornais *Gazeta do Sul* e *Zero Hora*.

Edição ou caderno – Divide os textos conforme a parte do jornal em que foram publicados. Por caderno, entendemos o encarte com conteúdo especial – distinto do corpo do jornal e com periodicidade diferenciada – que acompanha o jornal, separando um do outro, que acompanham separadamente, porém incluso no conjunto, na edição de determinado (s) dia (s) da publicação.

Editoria e página – Localizam os textos em que se encontram nas seções do jornal.

Posição na página – Classifica os textos conforme a posição que aparecem nas páginas dos jornais: alto, centro ou baixo – rodapé.

As demais categorias observam de forma mais específica a incidência de textos de natureza diversional e interpretativo.

Jornalismo interpretativo - Aquele que, a partir do grau de noticiabilidade dos acontecimentos e da liberdade estilística, permite não apenas o posicionamento do autor do texto como uma interpretação/explicação mais contextualizada do conteúdo por parte de quem tenha acesso a ele.

Jornalismo diversional – Apresenta textos que, «[...] fincados no real, procuram dar uma aparência romanesca aos fatos e personagens captados pelo repórter» (MARQUES DE MELO, 1985, p. 22). A natureza diversional está no resgate das formas literárias de expressão (flashbacks, digressões, diálogos, aprofundamentos psicológicos etc.).

São em número de cinco os gêneros que compõem a categoria jornalismo interpretativo:

Dossiê – Mosaico destinado a facilitar a compreensão dos fatos noticiosos. Condensação de dados sob a forma de «boxes», ilustrados com gráficos, mapas ou tabelas. Matéria destinada a complementar as narrativas principais de uma edição.

Perfil – Relato biográfico sintético, identificando os «agentes» noticiosos.

Enquete – Relato das narrativas ou dos pontos de vista de pessoas aleatoriamente escolhidas.

Cronologia – Reconstituição de acontecimentos de acordo com variedades temporais (secular, anual, semanal, horária). Destina-se a reconstruir o fluxo das ocorrências, permitindo sua melhor compreensão pelo receptor.

Reportagem – Modo de aprofundar a informação contextualizando os fatos temporal e espacialmente.

Observe-se que, diferentemente da classificação proposta

por Marques de Melo (2010), por considerarmos que a interpretação também representa uma forma de aprofundar a informação, deixá-la mais atrativa e diferenciá-la dos demais textos, acrescentamos o gênero reportagem na categoria interpretativo. Posto isso, compõem a categoria jornalismo interpretativo os gêneros dossiê, perfil, enquete, cronologia e reportagem.

No que diz respeito aos gêneros do jornalismo diversional, tomamos por classificação:

História de Interesse Humano – Narrativa que privilegia facetas particulares dos agentes noticiosos. Recorrendo a artifícios literários, emergem dimensões inusitadas de protagonistas anônimos ou traços que humanizam os «olimpianos».

História Colorida – Relatos de natureza pictórica, privilegiando tons e matizes na reconstituição de cenários noticiosos. Leitura impressionista que penetra no âmago dos acontecimentos, identificando detalhes enriquecedores, capazes de iluminar a ação de agentes principais e secundários.

4 QUANTIFICAÇÃO DOS DADOS

A análise das páginas de *Gazeta do Sul* e *Zero Hora* demonstrou, em primeiro lugar, que as categorias diversional e interpretativo ocorrem com muita frequência no objeto analisado. Nesta pesquisa, encontramos 72 incidências de textos dos cinco gêneros da categoria interpretativo no jornal *Gazeta do Sul*. O predomínio é reportagem (34), seguido de perfis (16) e dossiês (14). Há sete casos de cronologia e uma enquete, conforme podemos observar na tabela abaixo:

Tabela 2 Incidência das categorias interpretativo e diversional na *Gazeta do Sul*

Jornal Gazeta do Sul						
Reportagem	Dossiê	Perfil	Enquete	Cronologia	Hist. de Int. Humano	Hist. Colorida
34	14	16	1	7	8	1

Fonte: Elaboração dos autores

Em *Zero Hora*, a incidência aumenta para 145, pouco mais que o dobro, com hegemonia igualmente para as reportagens (69). Os dossiês são em número de 52, seguidos dos perfis (21), das enquetes

(2) e cronologia (1). Somados os dois jornais, são em número de 217 os textos da categoria interpretativo encontrados nas amostras.

Tabela 3 Incidência das categorias interpretativo e diversional no *Zero Hora*

Jornal Zero Hora						
Reportagem	Dossiê	Perfil	Enquete	Cronologia	Hist. de Int. Humano	Hist. Colorida
69	52	21	2	1	19	11

Fonte: Elaboração dos autores

É o caso do perfil intitulado “Disputa ao Piratini: Pedro Ruas em 14 horas”¹⁴, veiculado à página 18 de *Zero Hora*, edição do dia 29 de outubro de 2010. A matéria, de Fernanda Zaffari com fotos de Diego Vara, publicada em uma página e ilustrada com dez fotografias, integrava uma série que enfocava o que chamava, na linha de apoio, de o “lado mais pessoal e menos político dessas figuras políticas”. É o que pode ser visto no primeiro parágrafo, quando, ao invés de um lead, era descrita a forma de se vestir de Pedro Ruas.

O candidato do PSOL ao governo do Estado, Pedro Ruas, 54 anos, é marcante quando o assunto é estilo: usa óculos de armação larga e preta, os da hora são Dolce & Gabbana, e veste sempre suspensórios.

– Uso há muito tempo, desde criança – contou logo cedo, no café da manhã no comitê do PSOL (ZAFFARI, 2010, p. 18).

Observa-se, no excerto acima, que a descrição de detalhes aparentemente irrelevantes, como a marca e a forma de um óculos, bem como os suspensórios, no lugar onde haveria um *lead* se fosse uma notícia, por exemplo, empresta novas dimensões a Pedro Ruas. Torna-o, por meio da narrativa, um personagem que possui outras preocupações para além da política. Quem nos informa a esse respeito é um narrador que, mais que narrar, testemunha o que está ocorrendo naquele momento, na casa do personagem, e que se desvela quando explica que determinada informação foi obtida “[...] logo cedo, no café da manhã [...]”.

Algo semelhante ocorre com o texto “O mão de Tesouras espalha discípulos”¹⁵, do repórter Nilson Mariano, fotos de Arivaldo Chaves, publicado na página 38, da edição de *Zero Hora*, do dia 25 de setembro de 2010. Com uma diferença: nele, o acontecimento socialmente relevante, que usualmente move a atenção dos jornais por meio de seus critérios de noticiabilidade, não está presente. O que encontramos no relato é, antes, a história de um personagem com

habilidade para desbastar arbustos, que é comparado, em determinado momento, com um personagem de cinema: Edward Mãos de Tesoura, encarnado pelo ator Johnny Depp. Classificamos, em termos de gênero, o relato como história de interesse humano (diversional), por privilegiar uma face específica do agricultor Fredolino Serliro Schmidt, de 74 anos: sua capacidade de transformar arbustos em figuras artísticas.

Nesse sentido, o narrador é criativo ao descrever a vida de seu personagem:

Fredolino também escapa à regra. Era agricultor, plantava milho e soja, tratava porcos e galinhas. A topiaria nasceu por acaso: em 1988, ao deixar o Coral Carlos Gomes, onde ensaiara como tenor, ouviu um comentário instigante de Ivar Roessler, prefeito de Vitor Graeff mais de uma vez:

– Bah, mas que pena não se ter um jardineiro na cidade para fazer uns desenhos nos ciprestes da praça. – disse Roessler.

– Mas dá para fazer isso. – respondeu Fredolino.

E as mãos calejadas de quem cortava lenha a machado passaram a se devotar à escultura (MARIANO, 2010, p. 38).

Seja por meio do uso de palavras pouco usuais, caso de topiaria (a arte de adornar jardins), seja pelas interjeições (Bah), seja, ainda, pelos diálogos e remissões, quem era fonte transforma-se, uma vez mais, em personagem, por meio das mãos de um autor/narrador que, nesse caso, tudo observa e tudo sabe, mas não participa diretamente da cena descrita.

O texto “A travessia silenciosa”¹⁶, de Elemir Polese, com foto de Janaina Zílio, publicado na edição conjunta de 4-5 de setembro de 2010, ilustra o uso, pela *Gazeta do Sul*, de uma narrativa de natureza diversional. No relato, é narrada a história de um garoto chamado Felipe que, em decorrência de uma vida miserável, não consegue ser criança. Um trecho:

Geralmente, há vidas no caminho. E quando elas não estão no caminho, algo pode estar errado. E algo está errado na vida de Felipe. Felipe logo completará nove anos, mas parece ter cinco. E ainda não vai para a escola como seus amiguinhos da vila onde mora. Em uma das manhãs, o Felipe miudinho se agiganta e questiona seu pai: “Pai, quando é que vou pra escola?”. “Ano que vem, meu filho, ano que vem”. “Mas porque não agora, pai?”. “A melhor escola é a da vida, meu filho, teu pai também aprendeu assim” (POLESE, 2010, p. 48).

Trata-se da abertura da matéria. Ou seja, nada que indique a necessidade fremente de informar o que quer que seja, ainda que o faça por meio da descrição física e emocional do garoto Felipe que, além de fictício, sequer sobrenome tem. Trata-se, antes, uma vez mais, de um personagem que de uma fonte. Algo semelhante

ocorre com o narrador, demiúrgico, que, de longe, descreve o que está ocorrendo, o que os personagens – pai, filho e pobreza – estão fazendo naquele momento.

Na mesma edição da *Gazeta do Sul*⁷, porém às páginas 22 e 23, encontramos uma matéria interpretativa assinada pelo repórter Nero Setúbal, com fotos de Janaina Zílio, em que, a partir de pesquisa sobre o envelhecimento da população, é realizada uma reportagem sobre o tema “velhice”. Nesse caso, parte-se de acontecimentos que vêm se realizando – as campanhas protagonizadas por veículos de comunicação em Santa Cruz do Sul, ações em prol da velhice etc. – para descrever uma realidade mais ampla. Nesse sentido, observamos uma linguagem estilizada, que se utiliza de metáforas e remissões temporais para se estabelecer. Um exemplo:

Deixados de lado pelo próprio sangue, os internos ainda convivem com o fato de saber que por lá, mais do que em qualquer outro lugar, é comum relações serem rompidas do dia para a noite sem aviso prévio. “Vez que outra a gente vê um colega partindo em um carro de funerária. Tem parente que não aparece nem para os atos fúnebres. É o pior. Mas a vida segue”, diz seu Claudionor com a experiência de quem sabe que a estrada é tortuosa e precisa ser encarada de frente. Independente de como será o fim (SETÚBAL, 2010, p. 22-23).

Chama atenção, na amostra, tanto a localização (caderno ou corpo do jornal) quanto a frequência com que os textos de natureza diversional e interpretativa aparecem. No primeiro caso, encontramos 23 textos das categorias interpretativo e diversional nos cadernos do jornal *Gazeta do Sul*, contra 50 no corpo do jornal. Algo semelhante ocorre com *Zero Hora*: são 46 relatos de natureza diversional e interpretativa nos cadernos, contra 129 no corpo do jornal. Em uma subtração simples, veremos que pouco menos da metade dos relatos encontram-se localizados nos cadernos especiais tanto no caso de *Gazeta do Sul* como no de *Zero Hora*.

Nessa perspectiva, as tabelas abaixo permitem visualizar melhor a situação.

Tabela 4 Localização dos textos na *Gazeta do Sul*

Jornal Gazeta do Sul		
Local	Interpretativo	Diversional
Cadernos	19	4
Corpo do Jornal	53	5

Fonte: Elaboração dos autores

Tabela 5 Localização dos textos em *Zero Hora*

Jornal Zero Hora		
Local	Interpretativo	Diversional
Cadernos	27	19
Corpo do Jornal	118	11

Fonte: Elaboração dos autores

Quanto à frequência, contrariando o senso comum, a amostra sugere que os textos das categorias diversional e interpretativo não se encontram hegemonicamente distribuídos nas edições de sábado e domingo (caso de *Zero Hora*) ou de final de semana (*Gazeta do Sul*), quando há mais tempo para a leitura: também são frequentes ao longo da semana, incluindo a segunda-feira. As tabelas abaixo sintetizam o que estamos afirmando.

Tabela 6 Frequência das categorias interpretativo e diversional em *Zero Hora*

Jornal Zero Hora	Interpretativo	Diversional
Segunda-feira	17	2
Terça-feira	22	5
Quarta-feira	21	7
Quinta-feira	15	2
Sexta-feira	14	1
Sábado	17	8
Domingo	39	5

Fonte: Elaboração dos autores

Tabela 7 Frequência das categorias interpretativo e diversional na *Gazeta do Sul*

Jornal Gazeta do Sul	Interpretativo	Diversional
Segunda-feira	5	0
Terça-feira	12	2
Quarta-feira	19	1
Quinta-feira	12	0
Sexta-feira	9	0
Sábado / domingo*	18	6

* Edição conjunta

Fonte: Elaboração dos autores

Observadas as duas tabelas e resguardadas as proporções

dos jornais, percebemos, no caso de *Zero Hora*, que relatos da categoria diversional incidem todos os dias na amostra. A maior incidência (8) é no sábado, em decorrência da veiculação de um caderno de cultura, seguido de quarta-feira (7) e terça-feira (5). No que toca aos interpretativos, a maior incidência, em *Zero Hora*, é aos domingos (39), terça-feira (22) e segunda-feira (21).

Aplicada à *Gazeta do Sul*, a tabela demonstra, igualmente, a hegemonia dos textos interpretativos, com destaque para a quarta-feira (19), sábado/domingo (18) e empate na terça-feira e quinta-feira (12). A categoria diversional, por sua vez, incide em maior volume no final de semana (6), na terça-feira (2) e quarta-feira (1). Nas segundas e sextas-feiras não foram encontrados textos com essas características. Dentre as explicações possíveis, há o fato de que, nas quintas e nas sexta-feiras, os esforços de reportagem são direcionados para a edição do final de semana, enquanto que no domingo, apenas um repórter realiza o plantão geral.

Para observarmos as variações de espaço físico dedicadas aos textos interpretativos e diversionais, considerando, *a priori*, que não se tratam de relatos concisos, dividimos os espaços em três grandes grupos: meia página, uma página, mais que uma página. As tabelas 8 e 9 permitem uma melhor visualização da distribuição.

Tabela 8 Tamanho das matérias na *Gazeta do Sul*

Jornal Gazeta do Sul		
Tamanho	Interpretativo	Diversional
Meia página	29	4
Uma página	36	4
Mais de uma página	7	1

Fonte: Elaboração dos autores

Tabela 9 Tamanho das matérias em *Zero Hora*

Jornal Zero Hora		
Tamanho	Interpretativo	Diversional
Meia página	24	7
Uma página	72	14
Mais de uma página	49	9

Fonte: Elaboração dos autores

A quantificação sugere que, tanto na *Gazeta do Sul* como

em *Zero Hora*, o espaço médio dedicado a esse tipo de texto é de uma página, sendo 40 para a *Gazeta do Sul* e 86 para *Zero Hora* em ambas as categorias. Nesse sentido, *Zero Hora* diferencia-se da *Gazeta do Sul* no uso de mais de uma página para esse tipo de material: são 58 textos, contra 8 da *Gazeta do Sul*. Ambos novamente se equiparam no uso de meia página: são 33 casos na *Gazeta do Sul* e 31 em *Zero Hora*.

CONSIDERAÇÕES INTERPRETATIVAS

A partir das informações coletadas na tabulação, e sem pretensões totalizantes, é possível realizarmos algumas considerações interpretativas. Começemos pelas Tabelas 2 e 3, que tratam da incidência das categorias interpretativo e diversional na *Gazeta do Sul* e *Zero Hora*. Elas sugerem que o gênero reportagem é o mais frequente em ambos os jornais na categoria interpretativo, seguida do dossiê, no caso de *Zero Hora* (52) e dos perfis na *Gazeta do Sul* (16). Na *Gazeta do Sul*, os dossiês ficam em terceiro lugar (14), posição ocupada, em *Zero Hora*, pelos perfis (21). Uma possível interpretação do que os dados revelam é considerar que, no período analisado, os jornais tiveram grande preocupação em fornecer informações mais contextualizadas a seus leitores, e não apenas notícias, seja em termos de acontecimentos (caso das reportagens e dos dossiês) seja no de personagens que por um motivo ou outro tenham se destacado (caso dos perfis).

Também merece alguns comentários a localização dos textos interpretativos e diversionais nos jornais, o que pode ser confirmado nas Tabelas 4 e 5, que mostram localização dos textos na *Gazeta do Sul* e *Zero Hora*. O fato de esses modelos de narrativa frequentarem, nos dois jornais, tanto o corpo quanto os cadernos, sugere que a preocupação em estabelecer diferenças por meio de uma linguagem específica é uma constante também nos locais em que as notícias são hegemônicas. Fica visível, na amostra, a preocupação que editores e repórteres de editorias como geral, política e economia – para ficarmos em três – têm no sentido de estilizar melhor seus conteúdos, estabelecendo, dessa forma, diferença em relação aos demais veículos informativos e à maioria dos textos do próprio jornal.

No que toca ao diversional, *Zero Hora* parece ter investido

mais nos gêneros dessa categoria. São 19 histórias de interesse humano e 11 histórias coloridas. Na *Gazeta do Sul*, esse índice diminui: 8 histórias de interesse humano e apenas 1 colorida. Compreender o que esses números representam implica observar eventuais constrangimentos de natureza organizacional, à medida que são redações de tamanhos diferentes (*Zero Hora* é estadual; a *Gazeta do Sul*, regional), e que têm, portanto, capacidades distintas de resolução.

Basta observar as incidências nas Tabelas 6 e 7, que indicam a frequência das categorias interpretativo e diversional em *Zero Hora* e *Gazeta do Sul*, para corroborarmos a afirmação. Se em *Zero Hora* a maior quantidade de textos diversoriais ocorre no sábado (8) e a menor na segunda-feira (2), sugerindo uma produção contínua desses; na *Gazeta do Sul* há três dias da semana em que eles não são encontrados: segundas, quintas e sextas-feiras. O fato de, na edição conjunta de sábado e domingo, haver um total de 6 textos dessa categoria sugere que os dias sem textos interpretativos ou diversoriais são utilizados para a produção desses textos.

A questão do espaço físico utilizado em ambos os jornais acresce às observações realizadas uma informação relevante: apesar de estarmos falando de narrativas mais estilizadas, que requerem, portanto, mais espaço físico nas páginas, salta aos olhos o fato de, tanto em *Zero Hora* quanto na *Gazeta do Sul*, haver mais textos de uma página. São 86 textos nesse formato em *Zero Hora* e 40 na *Gazeta do Sul*. Em segundo lugar, *Zero Hora* publica mais textos de duas páginas (58), enquanto que, a *Gazeta do Sul*, mais textos de meia página (33).

Os dados sugerem que há uma mudança em andamento no jornalismo e que ela requer, quem sabe, gramática explicativa diferenciada para uma adequada compreensão. A questão das categorias e gêneros jornalísticos, que utilizamos aqui a partir de José Marques de Melo (2010), ilustram o que estamos afirmando. Como dissemos, o cenário complexo, exigiu do próprio Marques de Melo que revisasse o que havia postulado alguns anos antes, por meio do acréscimo de novas categorias analíticas em seu esquema, o que permite observar que também elas ocupam um lugar diferenciado na análise.

Nessa perspectiva, prestam-se, principalmente, quem sabe, como “bioindicadores” de camadas mais profundas de

significação, ou, ainda, como sinais da existência de uma diversidade textual e argumentativa maior que elementos de compartimentalização discursiva. Indicativo semelhante foi observado mais recentemente pelo grupo de pesquisa “Jornalismo e literatura: narrativas complexificadas”, ligado ao Programa de Pós-graduação em Letras (PPG Letras) e ao departamento de Comunicação da Unisc: as categorias e gêneros jornalísticos, em uma perspectiva de midiaticização, prestam-se, antes, como índices da existência de camadas mais profundas de significação do que como mecanismos de compartimentalização textual (SOSTER et al., 2013). Perceber isso implica observar que o cenário analítico está mudando.

Ainda cabe dizer que os dados sugerem que os dispositivos jornalísticos, ao se valerem de estratégias textuais próprias de outros campos do conhecimento – como, por exemplo, a literatura, como se pode observar neste trabalho – estabelecem diferenças em relação a seus pares, passando a gerar novos sentidos. Afetam, dessa forma, formas, processos e agentes envolvidos em sua processualidade operacional, sendo transformados igualmente nesse movimento, complexificando-se uma vez mais. Sem enveredarmos, nesse momento, por perspectivas analíticas fenomenológicas, pode-se pensar, quem sabe, a título de conclusão, que compreender o que esses sentidos representam significa um passo fundamental para que tenhamos condições de avançar em nossas inquietações, desafio que se coloca daqui para frente.

NOTAS

- 1 Trabalho originalmente apresentado no XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, promovido pela Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação (Intercom), de 2 a 6 de setembro de 2011, em Recife, Pernambuco, e atualizado posteriormente, sem, contudo, alterar sua essência.
- 2 O conceito de autonomia, aplicado aos sistemas, não indica independência do entorno, mas um fechamento autorreferencial: o entorno pode limitar ou ampliar o âmbito de possibilidades operativas do sistema, porém isso não anula o fato de que as operações sejam produzidas e conectadas somente pelo e no sistema (BARALDO;

- CORSI; ESPOSITO, 1996, p. 36-37).
- 3 Por irritação, entenderemos as perturbações que o ambiente provoca no sistema (não é possível pensar sistema sem ambiente) e que se estabelecem nesse como informações, sendo processadas como tal.
 - 4 Esse tema vinha sendo pesquisado desde 2010 pelos integrantes do Projeto de Pesquisa “A narrativa jornalística em sua intersecção com a literatura”, vinculado ao Programa de Pós-graduação em Letras da Unisc. Integravam o grupo, coordenado pelos professores Demétrio de Azeredo Soster e Fabiana Piccinin, à época, a bolsista Vanessa Kannenberg e os voluntários Pedro Piccoli Garcia, Joel Haas e Marília Nascimento. Este artigo aprofunda e amplia, por meio de dados empíricos, discussões realizadas pelo grupo em nível interno e externo, caso do paper “Jornalismo diversional e jornalismo interpretativo: diferenças que estabelecem diferenças”, apresentado no GT Gêneros Jornalísticos do XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação de 2010, em Caxias do Sul.
 - 5 A distinção entre categoria e gênero, bem como a aceitação de um e outro como classificação dos relatos jornalísticos, está em aberto e não é pacífica. As ciências sociais, por exemplo, referem-se à categoria como o conjunto de pessoas com características de comportamento semelhantes, que nos permitem identificá-las como pertencentes a um determinado grupo (JOHNSON, 1997). Gênero, nessa perspectiva, refere-se às características individuais dos componentes desses grupos. Utilizaremos, neste artigo, o ponto de vista de Marques de Melo (1985), para quem categoria é um conceito de natureza discursiva que define, em perspectivas e níveis diversos, domínios do conhecimento e da ação. Os gêneros, por sua vez, dizem respeito às formas que utilizamos para nos expressamos nesses domínios. O traço definidor do gênero é o estilo; a forma com que se escreve. Assim, doravante, quanto nos referirmos à categoria jornalística ela será informativa, interpretativa, diversional, opinativa etc., enquanto que gênero dirá respeito às variações estilísticas de uma e outra forma (por exemplo, o gênero editorial na categoria opinativo).
 - 6 Zero Hora, de Porto Alegre, é o sexto jornal do país em circulação paga e o maior do Rio Grande do Sul, com tiragem aproximada de 185 exemplares-dia. Já a Gazeta do Sul, de Santa Cruz do Sul, circula em 36 municípios da região Centro do Estado e possui tiragem aproximada de 15 mil exemplares-dia.
 - 7 Jornalismo midiaticado é aquele cujos dispositivos, mais que vetores de midiaticação, são atingidos pela processualidade desta (qual o

referente?), midiaticizando-se. Por midiaticização vamos compreender a criação de novas ambientações a partir de uma profunda imersão de natureza tecnológica, social e discursiva da sociedade.

- 8 A autorreferência pode ser percebida quando as operações discursivas dos dispositivos jornalísticos estão voltadas, por meio de marcas, para o próprio texto que as compõem, explicando suas operações (geralmente por meio do uso de verbos de apoio) e estabelecendo, assim, novos vínculos. Por exemplo: “Conforme apurou nossa reportagem”. A correferência estabelece-se à medida que as operações do sistema midiático-comunicacional estão voltadas para o interior do próprio sistema e os dispositivos que o compõe também passam a estabelecer diálogos cada vez mais frequentes entre seus pares. Unem-se, com isso, dois nós do sistema, sendo que o fio condutor entre um e outro é a comunicação. Isso se verifica quando um jornal cita uma revista como fonte de sua matéria, por exemplo. Desse modo, a descentralização está relacionada com o fato de, em uma perspectiva sistêmica, os dispositivos jornalísticos tornarem-se, antes, nós e conexões de uma rede que lugares institucionais hegemônicos (SOSTER, 2009). A dialogia, por sua vez, diz respeito ao diálogo que campos sociais distintos, caso do jornalismo e da literatura, realizam em suas operações, complexificando um e outro, e as transformações decorrentes dessa processualidade. A dialogia caracteriza-se, por exemplo, pelo uso, no jornalismo, de elementos da narrativa literária. A atorização, por fim, verifica-se quando o jornalista, até então um mediador dos acontecimentos, estabelece-se na processualidade sistêmica como um ator nesse cenário. (SOSTER, 2013).
- 9 O sistema midiático-comunicacionais, que, neste artigo, denominamos “jornalístico”, estabelece-se como tal quando os jornais e revistas impressos, rádios, televisões, webjornais, sites jornalísticos, blogs e microblogs de natureza jornalística são unidos por meio da web.
- 10 Web como sinônimo de World Wide Web, ou WWW, ou, ainda, internet.
- 11 Fluxos, para Castells (2003), representam a expressão dos processos que dominam nossa vida econômica, política e simbólica. “O espaço de fluxos é a organização material das práticas sociais de tempos compartilhados que funcionam por meio de fluxo” (CASTELLS, 2003, p. 501).
- 12 Por esse viés, os textos jornalísticos dividem-se em relatos e versões

desses relatos. O primeiro grupo englobaria categorias como o informativo, diversional e interpretativo, enquanto que o segundo, o opinativo.

- 13 Acontecimento será entendido aqui como sinônimo de fato inesperado, novo, em sua relação com o fazer jornalístico em suas mais diversas instâncias (produção, emissão, circulação e recepção, principalmente).
- 14 Jornal Zero Hora, ano 47, nº 16.462, 2º edição, dia 29 de outubro de 2010, p. 18.
- 15 Jornal Zero Hora, ano 47, nº 16.458, 2º edição, dia 25 de setembro de 2010, p. 38.
- 16 Jornal Gazeta do Sul, ano 66, nº 190, edição 4-5 de setembro de 2010, p. 48.
- 17 Jornal Gazeta do Sul, ano 66, nº 190, edição 4-5 de setembro de 2010, p. 22-23.

REFERÊNCIAS

- BARALDI, Cláudio; CORSI, Giancarlo; ESPOSITO, Elena (Org.). **Glossário sobre la teoria social de Niklas Luhmann**. México: Anthropos, 1996.
- BELTRÃO, Luiz. **Jornalismo opinativo**. Porto Alegre: Sulina, Ari, 1980.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2003. (A Era da Informação: economia, sociedade e cultura, 1);
- CHAPARRO, Manuel Carlos. **Sotaques d'aquém e d'além mar: travessias para uma nova teoria dos gêneros jornalísticos**. São Paulo: Summus Editorial, 2008.
- MARCONDES FILHO, Ciro (ORG.) **Dicionário de Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2009.
- JONHSON, Alan. **Dicionário de Sociologia – Guia Prático da Linguagem Sociológica**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.
- LOPES, Ana Cristina M.; REIS, Carlos. (Org.) **Dicionário de teoria narrativa**. São Paulo: Ática, 1988.
- LUHMANN, Niklas. **Introdução à teoria dos sistemas**. São Paulo: Vozes, 2009.

MARIANO, Nilson. O mão de Tesouras espalha discípulos. **Zero Hora**, ano 47, nº 16.458, 2. ed., 25 de setembro de 2010.

MARQUES DE MELO, José. Gêneros jornalísticos: conhecimento brasileiro. In: MARQUES DE MELO, José; ASSIS, Francisco de. **Gêneros jornalísticos no Brasil**. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2010.

MARQUES DE MELO, José. **A opinião no jornalismo brasileiro**. Petrópolis: Vozes, 1985.

POLESE, Elemir. A travessia silenciosa. **Gazeta do Sul**, ano 66, nº 190, 4-5 de setembro de 2010.

PICCININ, Fabiana; SOSTER, Demétrio de Azeredo. Jornalismo diversional e jornalismo interpretativo: diferenças que estabelecem diferenças. In: XXXIII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 33., 2010, Caxias do Sul. **Anais...**Caxias do Sul, 2010.

PRIMO, Alex. Prefácio. In: FIRMINO DA SILVA, Fernando; SOSTER, Demétrio de Azeredo (Org.). **Metamorfoses jornalísticas 2: a reconfiguração da forma**. Santa Cruz do Sul: Edunisc, 2009.

SEIXAS, Lia. **Redefinindo os gêneros jornalísticos**: proposta de novos critérios de classificação. Covilhã: LabCom, 2009. Disponível em: <http://www.livroslabcom.ubi.pt/pdfs/seixas-classificacao-2009.pdf>. Acesso em: 5 de fevereiro de 2009.

SETÚBAL, Nero. Uma população que não pára de crescer. **Gazeta do Sul**, ano 66, nº 190, 4-5 de setembro de 2010.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. Dialogia e atorização: características do jornalismo midiaticizado. In: 10º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Jornalismo, 10., 2013, Brasília. **Anais...** Brasília, 2013.

SOSTER, Demétrio de Azeredo et al. O que dizem os gêneros na narrativa jornalística não-biográfica de Fernando de Moraes. XXXVI Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 36., 2013, Manaus. **Anais...**, Manaus, 2013.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. **O jornalismo em novos territórios conceituais**: internet, midiaticização e a reconfiguração dos sentidos midiáticos. São Leopoldo: Unisinos, 2009. Tese (Doutorado em Comunicação). São Leopoldo: Programa de Pós-graduação em Comunicação, Universidade do Vale do Rio dos Sinos, 2009.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. Auto-referência e co-referência nas páginas do jornal Folha de S.Paulo. In: 7º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Jornalismo, 7., 2009, São Paulo. **Anais...** São Paulo, 2009-a

SOSTER, Demétrio de Azeredo. Mídiação, a terceira descontinuidade do jornalismo. In: 6º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Jornalismo, 6., 2008, São Bernardo do Campo. **Anais...** São Bernardo do Campo, 2008.

SOSTER, Demétrio de Azeredo. O jornalismo para além de suas fronteiras conceituais. In: 5º Encontro Nacional dos Pesquisadores de Jornalismo, 5., 2007, Aracaju. **Anais...** Aracaju, 2007.

ZAFFARI, Fernanda. Disputa ao Piratini: Pedro Ruas em 14 horas. **Zero Hora**, ano 47, n. 16.462, 2. ed., 29 de outubro de 2010.

Demétrio de Azeredo Soster Chefe do Departamento de Comunicação Social. Professor do Programa de Mestrado em Letras (PPGL) e do Curso de Comunicação Social da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). E-mail: dsoster@uol.com.br

Fabiana Quatrin Piccinin Coordenadora de Stricto Sensu da UNISC (Universidade de Santa Cruz do Sul). Professora do Programa de Mestrado em Letras PPGL (Unisc) e do Curso de Comunicação Social. Doutora. Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). E-mail: fabianapiccinin@hotmail.com

RECEBIDO EM: 21/06/2013 | ACEITO EM: 09/02/2014